

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES

PERSONAS: o flamar das ideias modeladas

Milena Hoffmann Kunrath – 30818

Orientador: Prof. Dr. Carlos Augusto Nunes Camargo

Porto Alegre, dezembro de 2011.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE ARTES

Trabalho de conclusão de curso de graduação de Artes Visuais, do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul para obtenção do grau Bacharel em Artes Visuais

Milena Hoffmann Kunrath – 30818

Orientador: Prof. Dr. Carlos Augusto Nunes Camargo

Porto Alegre, dezembro de 2011.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE ARTES

Trabalho de conclusão de curso de graduação de Artes Visuais, do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, apresentado como parte dos requisitos para obtenção do grau de bacharel em Artes para a banca:

Profa. Mestre. Cláudia Vicari Zanatta

Prof. Mestre Rodrigo Núñez

Prof. Dr. Carlos Augusto Nunes Camargo

PERGUNTAS EM FORMA DE CAVALO-MARINHO

Que metro serve
para medir-nos?
Que forma é nossa
e que conteúdo?

Contemos algo?
Somos contidos?
Dão-nos um nome?
Estamos vivos?

A que aspiramos?
Que possuímos?
Que relembramos?
Onde jazemos?

(Nunca se finda
nem se criara.
Mistério é o tempo
inigualável.)

Sumário

Sobre uma abordagem poética da escrita	11
Percepções de um projeto expositivo	13
Estratégias de uma comunicação	14
1º dia - A primeira indagação	16
2º dia – Vida própria	18
3º dia – Algumas explicações teóricas	20
4º dia - A origem de tudo	22
5º dia - Diálogos visuais	24
6º dia – O processo do acaso	30
7º dia - A recepção ou as recepções	32
O Autor pela Autora	44
Fotos da nova exposição	46
Obras consultadas	53

Sobre uma abordagem poética da escrita

Minha produção artística está viva, é autônoma e precisa ser respeitada. Pode ser percorrida constantemente com um olhar desinteressado, mas curioso e bem preparado para encontrar informações inesperadas. Sua trajetória será narrada em forma de conto. Não sou o personagem e não conto minha vida. Esta é apenas uma forma de relatar um percurso, de maneira coerente e poética.

Uma experiência inesperada, das perguntas sem respostas em busca de uma conclusão inexistente.

O autor-artista, ao ser inquirido, responde, defende-se, replica. Ele é experiente e acredita poder responder às perguntas. A entrevistadora provoca, aprende, ensina. Jovem e de uma área diversa, faz perguntas ingênuas que, por sua obviedade, confundem o entrevistado. As convicções iniciais desmancham-se e dão lugar a certezas mais instáveis ainda e os personagens discutem de forma dialética os melhores rumos, sem ter ideia de para onde seguem.

Joana da Silva*,

no caderno *E* semanalmente com as melhores dicas culturais.

Entro no recinto claro, com boa iluminação, paredes claras. O famoso cubo branco, espaço para exposições neutro, para que não interfira nas produções artísticas. No chão, nada; nas paredes, nada. Suspenso. Em suspenso estão as partes. O material, cerâmica. Mas, o que são estes objetos?

Chego mais perto, com cuidado para não tocá-los. É impossível: eles balançam como uma rede preguiçosa num final de tarde na praia. São cabeças, pés e mãos. Amarrados, pendem do alto. No teto, de onde se originam as amarras, uma intrincada rede de teias liga as partes num todo complexo. O tempo do relógio para e o movimento das peças dita o ritmo da sala. Vontade de deitar no chão e observar este vai-e-vem hipnótico.

Analiso melhor os objetos. As cores são variadas tonalidades de argila queimada, mas também inesperados azuis e verdes. Os tamanhos diferem pouco e os objetos parecem iguais na sua forma. Mas, bem de perto, nota-se que cada peça tem uma característica própria. Um nariz menor, lábios mais carnudos, rosto arredondado. Qualidades estranhas ao olhar, como mãos com seis dedos, pés ligeiramente deformados ou em posições insuspeitas, cabeças humanas com orelhas de porco, também se fazem presentes. Passo a procurar, como numa charada, onde está a diferença, meio escondida, de cada uma. É como se o artista preparasse uma surpresa só para mim, querendo que eu desvende seus segredos um a um.

Este é o cenário que, quem visitar a exposição *PERSONAS: o flamar das ideias modeladas* do Artista Kunrath, encontrará. No espaço 18 de Abril, Praça Major Santos, no centro da cidade, do dia 17 a 31 de outubro. A entrada é franca, vale dar uma conferida.

* J. Silva é a jornalista responsável pelo caderno *E*

Estratégias de uma comunicação

Estava bem nervosa, o Autor falaria com ela, uma estagiária recém formada em jornalismo. Ainda não estava bem claro como este milagre ocorreria. Afinal, ele era requisitado por os todos grandes jornais e pelas revistas famosas nacionais e internacionais. Havia boatos de que não saía de casa já há 20 anos. Também já não publicava nada havia algum tempo. Por que, então, aceitara falar com ela?

Decidira, ao concluir a faculdade, fazer uma coisa diferente. Seu plano, como de todos os recém-formados, era conseguir um furo que abalasse a estrutura do jornalismo, que mudasse os parâmetros do pensamento ocidental, tudo muito modesto. Pensou logo no Autor. Escreveu inúmeros emails, para editoras, e qualquer um que pudesse ter contato com ele. Nenhuma resposta, nenhuma esperança.

Um ano depois de formada, ainda trabalhando em revisões enfadonhas como estagiária naquela editora de qualidade duvidosa, foi chamada para uma tarefa que mudou sua vida: organizar as revistas velhas na recepção da editora. Primeiramente sentiu-se ofendida, afinal era uma bacharel em jornalismo e não a moça do cafezinho. Suspirou. Enfim, fazer o quê? O locador não ligava se ela era bacharel.

Remexendo nas revistas, de repente, seus olhos não acreditaram no que viram: Havia uma resenha sobre uma exposição do Autor! Como assim? O Autor já fora artista? Mas por que não se tornou o Artista?

Uma excitação percorreu seu corpo de alto a baixo. Estava ali a resposta, este era o meio de atingir o Autor. Já havia lido quase tudo sobre ele, e nunca lera sobre tal exposição. Por que o segredo, por que a obra fora ignorada? Mal podia se conter. Começou a escrever um email... ei, espere! Ele não era um ser tecnológico, talvez o meio de contato estivesse errado. Procurou a máquina de escrever herdada do avô, ainda bem que eu não a coloquei no prego, pensou, e, como se catasse milho, datilografou uma singela carta para o Autor pedindo uma entrevista sobre a tal exposição. Na internet, encontrou o endereço dele.

Uma semana depois, recebeu, em casa, uma resposta do Autor. Num envelope, escrito com uma letra desenhada, com caneta tinteiro (o cara gostava de velharias), o nome dela, de uma forma que nunca havia visto antes. Abriu com cuidado para não rasgar a carta, mal podia acreditar na sua sorte: receber uma carta escrita pelo Autor!

O Autor não facilitou a vida da Estagiária. Ele não marcou uma entrevista. Ele apenas fez algumas perguntas desconexas, às quais ela respondeu. A troca de correspondências, que ocorria diariamente, durou mais quatro meses ainda. Não fazia muito sentido, mas ele envolveu-a ao poucos numa rede de expectativas, da qual ela não conseguia se libertar. O dia inteiro era apenas a expectativa de receber alguma daquelas cartas desconexas. Onde isso iria acabar, ela não sabia. Mas, com um trabalho monótono e sem perspectiva, vida amorosa zero, amigos depressivos e família distante, o recebimento e o ritual de abertura da carta era o momento mais excitante do dia.

Um dia, no trabalho, recebeu um telefonema. Era o Autor. Não se demorou, disse apenas:

- Sou eu, vamos conversar. Na minha casa, às 16h. Você sabe o endereço.

E desligou.

1º dia – A primeira indagação

A Estagiária chegou meia hora antes à casa do Autor. Ela queria ter se arrumado um pouco mais, mas morava longe, não teria dado tempo. Só tocou a campainha exatamente às 16h.

O Autor convidou-a para entrar. A casa, cheia de livros, era arejada e alegre. Um bom lugar para se viver recluso. Ele tomava café, mas não ofereceu nada a ela. Antes que ela pudesse abrir a boca, disse de supetão:

- Só respondo perguntas sobre a exposição.

Então era assim, ele ia se fazer de difícil. Muito bem, pensou ela, vou entrar no jogo.

- Senhor Kunrath, o que o moveu, o que o incentivou a fazer a exposição a que Joana da Silva se refere numa resenha do caderno E do jornal da manhã de 17 de outubro?

- É uma pergunta estranha. Lembro-me de uma frase do drama “Fausto”, de Goethe „Dass ich erkenne, was die Welt, im Innersten zusammenhält”.

Uau! Ele fala alemão! que erudição, que banho de cultura! Mas o Autor continuou:

- Eu não falo alemão, mas gosto de citar as coisas no original. Quer que eu cite uma frase em russo?

- Não, obrigada, apenas explicito o que queria dizer com a frase de Goethe.



- Basicamente, numa tradução livre, quer dizer “Que eu possa apreender o que mantém, de forma mais profunda, o mundo unido”. Eu sempre quis entender o mundo. Como ele funciona, quais são as leis que regem o universo, o comportamento dos homens... para mim faltava uma unidade que pudesse explicar tudo.

- **Ahã. E é isso que ex-votinhos pendurados representam?**

O rosto do Autor se alterou. Ela tinha tocado na ferida, feito uma pergunta jornalisticamente relevante, uma provocação pertinente, sem mesmo se dar conta!

- Entrevista encerrada. Se não consegue entender a profundidade da obra, nem devia estar aqui.

- **É aí que o senhor se engana, estou aqui exatamente por isso, se eu já entendesse a obra completamente, não precisaria entrevistá-lo.**

Ele refletiu por um momento.

- *Suma daqui!* – disse ríspido, e completou – nos encontramos amanhã às 16h.

2º dia – Vida própria

Desta vez chegou no horário certo. Não tinha mais ilusões de um encontro romântico. O Autor estava de banho tomado e barba feita, porém ainda de calças de pijamas.

Eles tomaram seus lugares e ela ligou o gravador.

- O senhor pretendia então entender o mundo. Como este desejo resultou na sua obra?

- Sempre amei a cerâmica, até mesmo quando a traí pela literatura. Minhas mãos e minha mente sempre anseiam pelo toque do barro. Começo pegando uma pequena quantidade desta matéria plástica e aí vou contando uma história. Todas as formas se justificam pela trajetória do objeto, que ainda antes de sair das minhas mãos já tem vida própria.



Deixa eu te apresentar o Ernesto: ele é meio tímido, mas incrivelmente denso. Não é muito de papo, mas isso não significa que ele não seja cheio de idéias. Às vezes resmunga um pouco, mas é um bom sujeito.

Já isso aqui é o pé do Wolfgang. Ele não é um cara fofo, como você talvez possa imaginar. O inchaço é uma doença hereditária. Ele sofre muito, o pobre, mas se recusa a andar de sapatos, é um questionador. Você percebe? Eles têm vida própria, não posso controlá-los.



3º dia - Algumas explicações teóricas

No dia seguinte, ela não precisou tocar a campainha, ele já a esperava na porta:

- Entre, entre, tenho muita coisa para te mostrar.

Sentaram-se e ele começou:

- Teu aparelhinho está ligado? Bom, continuando... Para meus colegas, minhas pecinhas (cabeças, pés e mãos), embora tivessem pequenas modificações, eram iguais. Sempre rebati esta idéia. Eu sei que cada uma tem sua personalidade, sua história. Teve até um que sugeriu que eu fizesse uma forma e tirasse cópias! Entende? Uma aberração! Cópias! Ele não entendeu nada. É quase uma ofensa para minhas cabecinhas: elas parecem iguais, neste mundo padronizado – e, minha querida, o mundo já era padronizado nos anos 70! Preciso citar Walter Benjamin? – Mas não são!

Ele mostrou mais uma vez os detalhes, imperceptíveis aos leigos, de cada uma de suas pecinhas. Acrescentou:

- E na literatura, o que muitos chamam de plágio, podemos dizer que é uma releitura do mesmo. Já dizia Heráclito de Éfeso que, “Não se pode

percorrer duas vezes o mesmo rio e não se pode tocar duas vezes uma substância mortal no mesmo estado”. E por que não citar “Pierre Menard, autor do Quixote”, uma criação de Borges que reescreve o Quixote de Cervantes palavra por palavra e mesmo assim afirma que não o copiou, já que, entre outros motivos, a obra foi escrita em outro contexto por uma pessoa que viveu outras experiências. Então minhas cabecinhas, que foram cuidadosamente modeladas, não serão diferentes? Não deixe teus olhos te enganarem, elas precisavam ser feitas uma a uma.

- **Senhor Autor, entendo seus argumentos, porém, sendo a sua obra visual, e talvez, para algum ignorante que não conheça sua trajetória de vida, nem seu processo de trabalho, esta diferença não teria de estar mais evidente?**

- Boa pergunta. A arte, como a literatura é feita de diversos níveis de compreensão. Contos-de-fadas, que parecem uma história bobinha para o divertimento infantil, podem ser lidos como um profundo estudo sociológico, uma leitura, porém, não invalida a outra. Na minha concepção, a produção artística é um convite. A pessoa que a visita pode admirá-la apenas pelas suas qualidades estéticas mais evidentes, ou pode aceitar o convite e conversar com a obra,

descobri-la, questioná-la, testá-la. E é para estas pessoas que estas pequenas diferenças serão relevantes e farão sentido. Amanhã às 16h?

*

Chegando em casa, ela correu para internet. Quem era Heráclito de Éfeso (1)? Precisava revisar Benjamin (2) e pesquisar as obras de Borges (3)...

(1) pensador grego pré-socrático originário da cidade de Éfeso, Heráclito é considerado o pai da dialética. Para ele tudo é movimento e nada pode permanecer estático, a não ser o próprio movimento.

(2) Ensaísta, crítico literário, tradutor, filósofo e sociólogo judeu alemão, escreveu **A Obra de Arte na Era de sua Reprodutibilidade Técnica**. Neste ensaio filosófico, publicado em 1936, Benjamin já afirmava que “Em sua essência, a obra de arte sempre foi reprodutível” (1994, p. 166). Se a obra pode ser facilmente ou “perfeitamente” reproduzida, qual seria a diferença para o seu original? A obra, que já foi plástica e única, pode então ser reproduzida tecnicamente (e, neste momento, refiro-me à reprodução como um “novo fazer”, e não como uma imitação) e conscientemente: ela não é o original e todos o sabem. E, se todos desejam o mesmo original, algo que ninguém mais possui, todos possuirão “o mesmo”.

(3) Em “Pierre Menard, autor do Quixote”, conto do escritor argentino Jorge Luis Borges, Pierre Menard é um escritor francês fictício do início do século XX, que resolve escrever a obra prima de Cervantes novamente, palavra por palavra. Seu esforço, porém, seria muito maior, já que Cervantes escreveu o que quis, e Pierre teria que trabalhar muito para chegar à mesma história palavra por palavra. Justifica assim, que sua obra não só, não é uma cópia, como também exigiu muito mais do escritor, pois, além de tudo, ele não era espanhol e não viveu na época de Cervantes.

4º dia – A origem de tudo

No dia seguinte, a Estagiária seguiu em direção à casa do autor. Quando chegou, o autor a recebeu com uma foto, bem mal-tirada, e um sorriso no rosto:

- É meu. Foram minhas primeiras cabecinhas e estão expostas até hoje. Mas não tenha pena delas. Estão confortáveis.

Era interessante mesmo, e as cabeças, muito parecidas com as da exposição.

- Esta foi então, a origem de tudo?

- Não, a origem foi o big-bang, mas há controvérsias. Entre, entre.

- Sente-se. Não comecei pelas cabecinhas, mas com o corpo inteiro. Uma vez vi numa revista uma foto que me impressionou profundamente. Estava num país longínquo e aquela reportagem me tocou: encontraram um corpo, enrolado em panos, num armário. O armário era pequeno e fiquei chateado pela posição desconfortável que a “moça” foi deixada. O assassinato em si não me incomodou. E a foto não saiu mais da minha cabeça.



Tentei reproduzir aquela sensação, aquele desconforto de diversas maneiras, mas não tinha formação artística, desenhava mal... na cerâmica achei minha forma de expressão. As peças ficavam, porém, caricatas. Mas não “caricatas geniais”, “caricatas” num sentido de má qualidade. Tirei, então, fotos do corpo de uma amiga (vestida de preto e com linhas de fita crepe mostrando a extensão dos membros) para tentar compreender melhor as impossibilidades de movimento do corpo.

- E funcionou?

-Não, mas as fotos ficaram bem legais. Minha modelagem foi melhorando aos poucos, com a prática, e fui adquirindo um estilo próprio: o corpo começou enclausurado em espaços proporcionalmente menores que o recomendado, mas sempre com uma parte a mostra. Não foi punição: apesar do pequeno estado eles estavam contentes (ou pelo menos resignados) a sua condição. A seguir o corpo foi desmembrado. Tornou-se só a cabeça. Cada uma delas foi modelada especialmente: todas possuem uma aparência, traços distintivos e personalidade própria. Foram cuidadosamente modeladas para cumprirem seu papel no resultado da obra. O barro me

chama, me conduz a caminhos meio inesperados. Por isso preciso modelar cada peça. Não apenas com o barro como matéria-prima, mas o exercício de formatar uma pequena cabeça (não posso usar forma: como ficaria a individualidade de cada cabecinha?).

- E como foi que as pecinhas confinadas passaram a “flutuar”?

- É uma longa história. É interessante que todas as pessoas procuram a origem das coisas, como se o mundo das idéias fosse algo linear. Existiu um mito, de certa forma herança do Romantismo, de que os artistas e sua produção eram obras divinas, de que os pintores ficavam em frente a uma tela branca prontos para criar. Hoje se sabe que nem brancas eram as telas, nem se produz nada sem trabalho.

- Desculpe, não entendi. Temos sempre que partir do princípio, isto é óbvio. Mas o senhor está me dizendo que o princípio não é o mesmo que o início?

- Vou te responder com uma citação que eu adoro:

Eis, pois, o que digo a todo estudante que me faz esta pergunta. Por onde começar? Muito simplesmente *pelo meio*. É no meio que convém fazer a entrada em seu assunto. De onde partir? Do meio de uma prática, de uma vida, de um saber, de uma ignorância. (LANCRI, p. 18, 2002)

Não viemos do nada, não há como começar nada pelo zero. Sempre há uma ideia nova que se relaciona com o que já foi visto, com o que já foi lido... O conhecimento é a soma de milhares de anos de tentativa e erros. Ninguém começa do zero. Coincidentemente, este é o meu tema, e não membros do corpo pendurados: as relações interdisciplinares que geram conhecimento. Explico-me melhor: basicamente, eu quis unir a história do conhecimento, ou seja, redes, conexões, interferências, como uma parte do todo, da mesma forma que um corpo. Cada membro tem sua função específica, mas problemas em um ponto podem prejudicar a saúde de outro e as respostas só se encontram no conjunto. As peças não estão mais confinadas, mas amarradas ou, como os jovens gostam de dizer hoje em dia: conectadas. Criei então uma imensa teia, um rizoma de onde sairiam todo tipo de cabeças, pés e mãos. Sozinhos, mas conectados.

- É muito original.

- Não, original é exatamente o que não é. É uma releitura de tudo o que já li, vivenciei, experimentei. A internet é original? Nem um pouco. Já trocamos idéias com outras culturas e outras épocas faz tempo. Até amanhã.

5º dia – Diálogos visuais

- Boa tarde. Andei pensando sobre o que o senhor me disse ontem. E, procurando na internet, achei algumas imagens de trabalhos que, de alguma forma, me remeteram ao seu. O senhor poderia comentá-los?

- Claro, por que não. Talvez até possa tê-los conhecido anteriormente e, de uma forma subconsciente, eles podem ter tido alguma influência abstrata na minha criação. Mas quero deixar bem claro que, a origem, no sentido a que eu me referi anteriormente, foi muito mais teórico que visual. Anota aí que tudo o que eu disser será posterior ao momento da gênese do que eu criei.

- Gostaria de começar por uma artista gaúcha, a Lia Menna Barreto, com a exposição “Pele de Boneca”.

- A semelhança com o que eu fiz é muito restrita. Minha fragmentação quer representar o todo. Acho que esta artista está decompondo e não construindo, apesar de reconstruí-lo artisticamente, o sentido original do objeto é alterado. A questão do voyeurismo, ou a curiosidade de um cirurgião amador (o que há dentro das cabeças de boneca?) também fazem parte do mistério, de um fetiche quase infantil.

“Hã os que manifestam repulsa diante dos trabalhos de Lia; outros, indignação; outros, ainda, vêem acionada a curiosidade mórbida, como pode ocorrer nas casas de espetáculo e em algumas sessões de cinema. Hã quem desfrute de seu conteúdo filosófico e estético, como pode acontecer em museus e bibliotecas. Hã os que despertam para um terror metafísico, como ocorre nas igrejas e nos cemitérios. Hã, porém, os que neles vêem mecanismos – como se passa nas salas de cirurgia e nas oficinas de reparos –, deixando-se encantar por seu poder de animar o inerte, de libertar o ar do interior dos corpos, de transformar o plástico em pasta, em cinzas ou, dele, fazer brotar raminhos de aveia. Como Lia. Cada um, cada um.” (Maria Helena Bernardes, <http://subterranea.art.br/wpress/?p=250>. Acesso: 13.11.2011)



“Eu perverto, sim, o significado das coisas: um brinquedo é um objeto inanimado; eu injeto calor e ele se move, toma vida; eu corto a cabeça dele, e o ar, lá de dentro, é liberado, ganha o espaço”. Complementou: “perverto o significado da boneca quando a retiro do contexto da infância e a trago para o mundo adulto do artista”. (*Lia Menna Barreto*)

*fotos retiradas do site do Atelier Subterrânea
- <http://subterranea.art.br/wpress/?p=250>.
Acesso: 13.11.2011*



- Muito bem. Outra foto. Gilberto Menegaz, recém formado no Instituto de Artes, com o trabalho Tramóia de números:

- Neste vejo grande semelhança com meu trabalho. Embora os elementos não sejam os mesmos, eles guardam a mesma relação: são partes individuais e completas de um todo. Além disso estão envolvidos em uma grande teia.

- Sim há a teia. Mas os elementos não balançam, estão estáticos.

- Certamente não balançam, mas o fio de nylon estabelece uma leveza, é como se eles não estivessem presos. Os números pairam no ar. Provavelmente, o que levou este artista a chegar a este resultado não tem absolutamente nada a ver com o meu percurso de trabalho. Mas não podemos negar que a semelhança do resultado é imensa.

-Na verdade a intenção foi a de mostrar uma outra forma de olhar o valor simbólico que os números representam na nossa vida, ocupando assim um lugar no espaço, segundo um depoimento do próprio artista.

Uma última foto. Annete Messenger, artista francesa, o trabalho se chama Mes Voeux:



- Novamente, são partes do corpo penduradas. Meio perturbador até. Não sinto uma harmonia, mas sufocamento. É como se as partes estivessem confinadas. Não há leveza..

¹ Retirado do site Trendland. (<http://trendland.net/annete-messenger-art-installation/annete-messenger-art-installation-2/>) Acesso: 13.11.2011.

- *Num artigo para o jornal The New York times, Alan Riding, comenta:*

“Mes Voeux” (“My Vows”), inspired by the ritual offerings left beside altars in Roman Catholic churches, often in gratitude for answered prayers. Here, evoking these so-called ex-votos, dozens of small photographs of body parts, including breasts and genitals but also arms, legs, tongues and ears, hang on cords and are arranged into patterns.²

- *Eu não tinha pensado primeiramente em ex-votos. Faz sentido. Os ex-votos são, no entanto, impessoais. Estas fotos contém uma grande carga de identidade. Talvez até mais que as minhas modelagens.*

² Tradução livre: "Mes Voeux (Meus votos), inspirada pelas oferendas rituais deixadas ao lado de altares nas igrejas católicas romanas, frequentemente em gratidão por preces atendidas. Aqui, evocando esses assim chamados ex-votos, dezenas de pequenas fotografias de partes do corpo, incluindo seios e genitais, mas também braços, pernas, línguas e orelhas, estão penduradas em cordas e arranjadas segundo padrões"

6º dia – O processo do acaso

- Olá! Podemos falar hoje do teu processo de trabalho? Ele existe? Como funciona?

- Na modelagem crio primeiro o formato do rosto, mais arredondado, magro, longo, pequeno; depois é a vez do nariz (quantos tipos de nariz existem?) dos mais delicados aos mais repugnantes. Bochechas, lábios, queixo, orelhas. Feliz? Triste? Debochado ou instigante, cada peça terá sua própria característica, nem sempre muito humana. Com os pés começo por um “L” gordinho, separo os dedos do peito do pé e é ali que entra a especificidade de cada um. Os dedinhos são o retrato da personalidade deles, neles podemos ver o quanto foi caminhado. Maiores, menores, unhas por cortar... tortos, deformados, indignados, cada um é diferente. As mãos não são, porém, minha especialidade. A grande diferença entre elas está na disposição: fechada ou aberta em diferentes graus. Faço primeiro a palma e depois vou inserindo os dedos.

- E o resto, quero dizer, o que é a tua produção: as peças ou o todo?

- O todo, com certeza. Se as partes estivessem amontoadas num canto, seriam outro trabalho. Acho que o conceito mais importante aqui é a conexão entre elas. É uma conexão não muito organizada. Tudo foi feito por partes, por tentativa e erros e os acasos do percurso é que resultaram nesta produção.

- Tua instalação é então meramente um acaso?

- Claro que não. Não é que eu não seja responsável pelo resultado: quando o acaso se apresentava, eu sempre tinha que escolher. Da mesma forma que eu havia dito, que a leitura de uma obra é um convite, a sua instauração também o é.

- Segundo Icléia Cattani,

O próprio artista poderá falar de seu processo, analisar suas intenções, descrever os materiais e técnicas que empregou, sem, todavia, expor a totalidade de sua própria obra, porque na passagem da presentificação à verbalização, ocorrerão perdas e/ou descaminhos (2002, p. 37)

Se partirmos do pressuposto que a arte é intraduzível, assumiremos o fato de que todo discurso será parcial; que nenhum conterá a “verdade” da obra, mas que todos poderão contribuir para seu entendimento. (CATTANI, 2002, p. 38)

- O senhor poderia dar um exemplo?

Não acredito que eu possa ser mais explícito que já fui. Além disso,

A razão e o irracional levam à mesma predicação. Na verdade, o caminho importa pouco, a vontade de chegar basta para tudo. O filósofo abstrato e o filósofo religioso partem do mesmo desconcerto e se apóiam na mesma angústia. Mas o essencial é explicar. (CAMUS, 2004, p.60)

Talvez você devesse entrevistar também outras pessoas, ou avaliar por si mesma a instalação.

*

Talvez o Autor tivesse razão. Ele já havia falado muito sobre seu trabalho, mas sempre com aporte teórico e uma atitude quase defensiva. O que os outros acharam do que foi feito? Críticos em arte, especialistas ou leigos... era importante saber quais foram as suas reações.

7º dia - A recepção ou as recepções

Existe obra de gaveta? Uma obra que nunca foi e nunca será vista por ninguém? O Autor tinha razão, era na relação com o público que a sua produção artística teria seu ciclo completo. A exposição não existia mais, mas poderia mostrar fotos e perguntar o que as pessoas achavam. Mas, que pessoas?

Ela resolveu perguntar às mais diversas pessoas, mostraria algumas fotos (só conseguira as fotos que o Autor tinha feito em sua casa, como teste) e elas deveriam escrever sobre o que viam. Não colocaria nenhum detalhe e nem mesmo a autoria.











**Um rosto me encara como se fosse normal!
Sem dor, sem dúvida... As questões são todas minhas:
Porque? Aonde vão estas pontes.
Mãos, pés e cabeças voando pelo espaço...
K.C.**

A obra parece transmitir uma atmosfera um tanto obscura e macabra (citando como exemplo a cabeça). G.S.G.

**Não me causa boa impressão.
Na realidade tenho medo,
principalmente quando o vento bate
e inicia aquele som triste
F.B.R.**

**Teia de meus pedaços
Espero recompô-los
S.M.**

Confusão, não gostei principalmente do pé, me passa uma sensação ruim de desmembramento. L.B.S.

Um rosto me encara como se fosse normal! Sem dor, sem dúvida... As questões são todas minhas: Porque? Onde vão essas pontes? Mãos, pés e cabeças voando pelo espaço...

K.C

A obra parece transmitir uma atmosfera um tanto obscura e macabra (citando como exemplo a cabeça).

G.S.G

NÃO ME CAUSA UMA BOA IMPRESSÃO, A REALIZAÇÃO TANTO MEDO, PRINCIPALMENTE QUANDO O VENTO BATE E, ENTÃO ABRIGO SEM TRISTE. F.B.R

Teia de meus pedacos,
Espero reconstru-los

S.M.

Confusão, não gostei principalmente do pé, me passa uma sensação ruim de desmembramento. BS

Eu achei a distribuição dos pés, mãos e cabeças muito bonita e interessante. Os detalhes das peças são bonitos. Na primeira foto eu não tinha percebido o que era. Pareciam figuram geométricas! Adorei a teia. H.A.S.

As teias mostram claramente as nossas limitações. Elas tohem os nossos membros, nos impedindo de realizar o que gostaríamos. Elas prendem a nossa cabeça pensante, limitando e confundindo.

Em princípio, é um trabalho instigante, que faz pensar. É como estar num sonho ou pesadelo. S.H.K. (por e-mail)

Considero a obra interessante, porém um pouco difícil de dizer o significado. O fato de as esculturas estarem em frente a uma porta me incomoda, pois acaba por trancar a passagem de alguém que venha a transitar pelo corredor.

Mesmo tendo uma aparência simpática, o conjunto da obra é um pouco amedrontador, pois são várias partes do corpo humano penduradas em cordas. Lembra a exposição de executados à morte. A.F.

São pedaços de gente dependurados viajando como se fossem planetas. I.J.M.

→ SÃO PEDAÇOS DE GENTE DEFORMADOS
VIAGANDO COMO SE FOSSEM PLANETAS.

I. J. M

Eu achei a distribuição dos
pés, mãos e cabeças muito bonita
e interessante. Os detalhes ^{das peças} são
bonitos. Na 12ª foto eu não tinha
percebido o que era. Pareciam
fig. geométricas! Adorei a teia.
H. J. S.

Considero a obra interessante, porém um pouco difícil de dizer o significado.

O fato das esculturas estarem em frente a uma porta me incomoda, pois
acaba por trançar a passagem de alguém que venha a transitar pelo
corredor.

Mesmo tendo uma aparência simpática, o conjunto da obra é um pouco
amedrontador, pois são vários parts de corpo humano pendurados em cordas. Lembra
a exposição de executados à morte.

Todos aceitaram gentilmente o convite de escrever sobre as fotos. Muitos queriam que anteriormente fosse dada uma prévia explicativa. Outros acharam difícil falar algo sem saber o título da obra. A pergunta mais ouvida foi: Mas o que significa tudo isso? Depois de escrever, queriam saber se tinham acertado!

Macabro? Eu nunca pensei nisso e garanto que o Autor também não. Estavam os observadores enganados? Eles não souberam “entender” a obra?

O que há para entender? A produção artística foi capaz de desencadear múltiplas interpretações.

O Autor pela Autora

(Editorial do caderno E do jornal de maior circulação da capital)

Caros leitores, a partir desta edição, teremos uma nova colunista. A Estagiária inaugura seu novo espaço com uma reflexão sobre arte depois de uma entrevista com Kunrath. O Editor

Estagiária, agora Jornalista no caderno E, semanalmente com as melhores dicas culturais

“Tomando a continuidade do processo e a incompletude que lhe é inerente, há sempre uma diferença entre aquilo que se concretiza e o projeto do artista que está sempre por ser realizado. Onde há qualquer possibilidade de variação contínua, a precisão absoluta é impossível.” (SALLES, p. 78, 1998)

Durante sete dias entrevistei o Autor. Pessoa difícil, mas de ideias claras, ele me guiou a uma viagem ao mundo da arte desconstruindo diversos conceitos. Para quem o conhece apenas pelos livros, ele é também um artista. Em 1988 ele expôs sua produção no espaço 18 de Abril, Praça Major Santos, no centro da cidade (para ler a resenha original de Joana da Silva e ver as fotos abaixo citadas, acesse o site do jornal, www.jornalda manhã.com.br/exposiçãodoautor)

Não visitei a exposição original, apenas o teria feito se fosse possível uma viagem no tempo. Conheci a produção artística do autor através de fotos toscas e uma entrevista apaixonada. Nela, o Autor me explicou seu processo de trabalho, suas escolhas, algumas questões teóricas, mas acima de tudo,

conseguiu (talvez não intencionalmente) despertar em mim a paixão pela arte.

As unidades de cerâmica penduradas tinham, na verdade, personalidade (e muita!). Foram cuidadosamente modeladas para constituir juntas partes do todo. Mais do que membros do corpo, as peças remetem para um mecanismo único dentro da instalação do artista.

Apesar de conter referências visuais de outros artistas, esta produção artística foi inspirada numa foto vista pelo autor há muitos anos atrás (uma mulher morta, enfaixada e enclausurada num armário) e acrescentada de inúmeras ideias, vivências, leituras e experimentações.

A arte não é o que vemos, não é o que sentimos, não é uma resenha ou uma explicação

teórica. Ela não é uma ideia, não é uma crítica, não é um conceito. Ela é tudo isso impreterivelmente junto e muito mais. É a possibilidade de enxergar o mundo sob uma nova perspectiva e de questionar a suposta ordem natural das coisas.

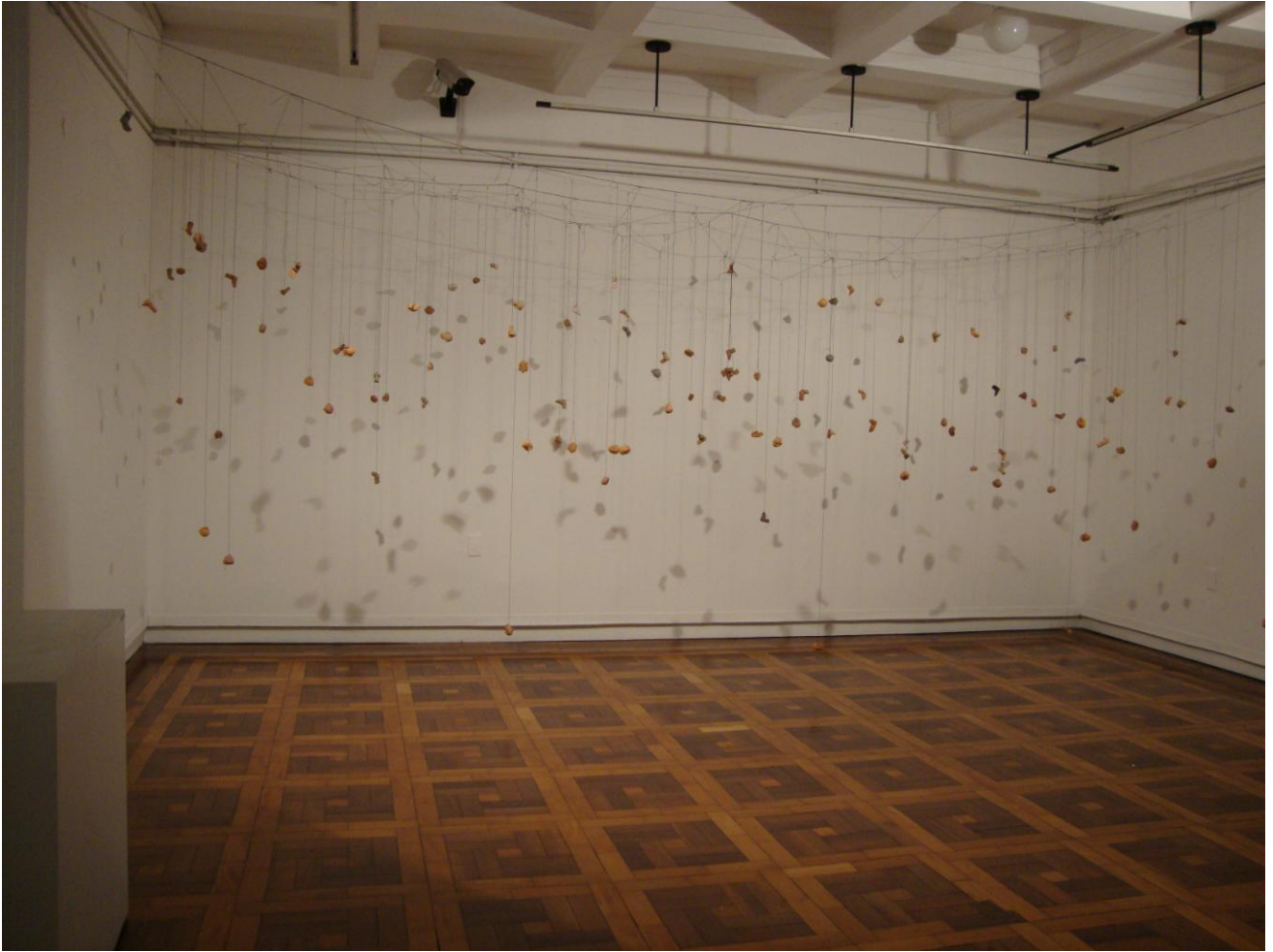
Além de entrevistar o Autor, mostrei as fotos de uma prévia da exposição para diversas pessoas de origens distintas e dos mais diferentes campos do conhecimento. As respostas inusitadas acrescentaram impressões imprevisíveis sobre a produção. Para alguns, a exposição pareceu macabra, para outros, poética. Isso prova que, no momento em que é revelada, a arte não pertence mais ao artista. Já não importa o que ele quis dizer, mas o que o público interpretou.

Notícia de última hora: O Autor exporá novamente sua instalação de 1988. Confira em março de 2012 na Pinacoteca Barão de Santo Ângelo, no Instituto de Artes da UFRGS. A exposição terá cobertura exclusiva do Jornal da manhã!

Fotos da nova exposição

(Pinacoteca Barão de Santo Ângelo, 5 de dezembro de 2011)













Obras consultadas

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Reunião: 10 livros de poesia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.
- BARRETO, Lia Menna. Relato da Artista. In: *Blog do Atelier Subterrânea*. Disponível em: <http://subterranea.art.br/wpress/?p=250>. Acesso: nov. 2011.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BERNARDES, Maria Helena . Apreciação crítica de “Pele de Boneca” In: *Blog do Atelier Subterrânea*. Disponível em: <http://subterranea.art.br/wpress/?p=250>. Acesso: nov. 2011.
- CAMARGO, Carlos Augusto Nunes. *Minhas Mortes: encontros poéticos suspensos no tempo*. / Carlos Augusto Nunes Camargo. – Campinas, SP: [s.n.], 2008.
- CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo*. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- CATTANI, Icleia Borsa. Arte contemporânea: o lugar da pesquisa. In: *O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas*. Porto Alegre: ed. Universidade/UFRGS, 2002.
- LANCRI, Jean. Colóquio sobre a metodologia da pesquisa em artes plásticas na universidade. In: *O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas*. Porto Alegre: ed. Universidade/UFRGS, 2002.
- RIDING, Alan. She Is Woman, Hear Her Roar (in French). In: *The New York Times*. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2007/06/24/arts/design/24ridi.html?pagewanted=all>. Acesso: nov. 2011.
- SALLES, Cecilia Almeida. *Gesto inacabado: processo de criação artística*. São Paulo: FAPESP, 1998